



Produção não preta: corpos contemporâneos

Alex Pletu

Corpo é território

há sempre um negro, um judeu, um chinês, um mongol. Um ariano no delírio, pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças. Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada. (MBEMBE, 2011, p. 11)

Trago nesse artigo minhas inquietações pessoais, a respeito do entendimento do corpo como lugar, que não é indissociável das consequências de carregar consigo os atravessamentos, na contemporaneidade, levando em consideração uma análise crítica da exposição “PretAtitude: Emergências Insurgência Afirmções” que ocorreu no Sesc Vila Mariana entre Maio e Agosto de 2019, ressaltando a potência da Arte Afro-brasileira Contemporânea. Danilo Santos de Miranda, atual diretor do Sesc São Paulo, expõe um pouco da importância que a exposição tem nos dias atuais e coloca como são imprescindíveis as construções poéticas capazes de ressignificar a realidade, o exercício da vida profissional artística, onde uma bagagem de pré-requisitos muitas vezes é imposta, e o caminho não se torna igualmente disponíveis a todos, ou quando a legitimação da obra junto a equipamentos culturais, não são habilitados, para financiar ou enxergar aquela produção como arte. Ainda assim, expõe de um jeito pontual a posição, com a qual a produção negra se encontra, muitas vezes, por causa da grande realidade, Danilo cita: “corresponde a uma atitude insurgente, desafiadora, de um status quo que privilegia uns (poucos) em detrimento de (tantos) outros”; ele justifica que o Sesc, ao propor essa exposição, está ciente do seu papel viabilizador e validador das manifestações artísticas, em sua multiplicidades, e, na minha opinião, essa exposição representa uma boa parte dos corpos pretos, e seu percurso no mundo artístico, trazendo questões do cotidiano à tona, vomitando pautas emergenciais, e propondo reflexões



ativas, pois, ao caminhar na exposição, eu fiquei admirado com todas as referências e artistas pensando, na intersecção e imersão do corpo negro.

Corpo

O corpo é matéria orgânica, porém não se pode descartar o fato dele seguir sendo também outros aspectos, que percorre os campos sociais, culturais e artísticos, e refletir sobre e como esse corpo se identifica, dentro de uma sociedade que apagou/apaga sua existência, ou seja, o raciocínio que trago é necessário, pois para nós, pretos, entender o corpo como lugar é mais desafiador, quando lutamos também, por uma parte da esfera, que permeia o campo das produções artísticas, feita por corpos pretos.

Se recorremos a algumas concepções de corpo para os gregos, temos Aristóteles, que confessava a ideia de alma e corpo sem que nenhum estivesse a serviço do outro ou posto de maneira superior, mas que juntos formavam uma unidade substancial e que o corpo não é só o meio como recebemos e percebemos as “coisas”, mas a ferramenta que possibilita a maior compreensão do sensível.

Aristóteles defendia que as ideias são adquiridas através da experiência, da observação e realidade por meio de seis formas: sensação, percepção, imaginação, memória, raciocínio e intuição. O conhecimento sensível e intelectual surge de todos os lados e jeitos, não há separação, eles se complementam. Ao contrário de Platão, que explica que ao nascer já temos toda a carga de vida formulada e isso não muda.

O corpo negro teve toda sua história apagada, e eles insistem em propagar a ideia de que não existe ancestralidade, raízes, algo que possa mostrar de onde viemos; então podemos compreender que a linha de Aristóteles mostra como é importante essa construção histórica para o desenvolvimento do ser humano, e para o negro essa construção ainda é muito difícil, pois a história sempre foi contada a partir das reações do negro, porque ao longo do tempo, ele foi colocado como um personagem figurativo, na narrativa branca e soberana, ao invés do incentivo a criar sua própria narrativa e ser o ator principal dela, porém ao vermos uma exposição onde os artistas das obras são os protagonistas, das falas ocultas ou não, que cada produção ali estabelece, é muito agradável, pois vemos a possibilidade de um corpo negro falar das próprias dores, ocasionando logicamente um agrupamento e demarcação coletiva de outros tantos corpos negros.

Então, considerando entrelaçar alguns pontos, o corpo preto, hoje, ainda se



movimenta mais que qualquer outro, e, como seus antecessores, nós criamos, todos os dias, novas táticas de sobrevivência/resistência, uma vez que temos presente quilombos urbanos, escritores, artistas, professores.

Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. (BRETON, 2007, p. 29)

Muitos corpos usam de seu patrimônio intelectual, abusam de sua arte, para reivindicar nosso direito em todas as áreas, para reintegrar partes mal contadas dessa dita história (escória) e, sobretudo, questiona as estruturas postas, pois, quando se recebe toda história que foi apagada durante anos, o pertencimento e tudo o que rodeia passam a tomar novas rédeas e nos propor inclusive nossas percepções do mundo, e com isso toda uma sociedade que foi moldada, de uma forma predadora, pode se transformar e transformar outros espaços.

O corpo não preto

Sidney do Amaral, na obra *Açoite*, identifica um corpo, que pode ser qualquer corpo, mas o enquadra, quando leva até os olhos do observador, uma imagem nítida que corresponde a um corpo preto, mas, antes de tudo, um corpo de denúncia, um “espaço” como lugar, lugar de depósito, de anseios, desejos, medos, emergência, Insurgências, mas anterior a tudo, sempre um lugar de afirmações, pois o corpo na contemporaneidade é a própria significação, a matéria que corresponde, antes de tudo, aos estímulos, ora, a arte contemporânea aciona o corpo, sem necessariamente convidá-lo; sendo assim, considero que o corpo nunca responderia nem ao início, nem ao final do processo, ele vem em caráter do “está”, sendo a própria passagem, seguindo sendo, a possibilidade de transitar por vezes firme e presente.

E o que define alguns traços, de entender o corpo preto como lugar, dentro da arte contemporânea, é que não inválido, a verdade de que todos vivem na forma humana, vivem no tempo espaço, mas o corpo preto permeia, o que vou colocar de contraponto, pois se fossemos falar da ideia de lugar aos não pretos, essa concepção não conseguiria permear a ideia de lugar, não íamos conseguir ir adiante sem considerar,



esse contraponto uma problemática, pois historicamente ou não os pretos sempre existiram em seus moldes, seja no campo das representações, físico ou estereótipos, já o corpo preto existe em contraponto, pois se, por um lado, teve parte de sua história roubada, sua ancestralidade, muitas vezes apagadas, ou forjadas, suas produções artísticas, incisivamente deixando de ser legitimadas, hoje segue redesenhando as configurações impostas, procurando entender o lugar constantemente, sem buscar entender a ideia de lugar, oriunda de uma perspectiva branca, em suma, atestar a ideia de lugar do corpo preto, começa por assumir que tem espaços, onde se observa a criação de um terceiro corpo de resistência sublime, que aqui vou chamar de Quilombos, ou quaisquer “corpo” coletivo que se armam da pauta da negritude por uma questão de sobrevivência, e longevidade dos corpos pretos, porém não podemos falar que não vivemos tempos difíceis, onde sua presença não é bem vinda, por vezes preconceito, insistência, por depositar as pejorativas e muito vezes no sentido sexual, erotizado.

PretAtitude traz na exposição um pouco da forma, propagação, produção, por meio de expressões artísticas negras, sendo fácil perceber que ela foi pensada de maneira que há uma abordagem do óbvio mas que de alguma forma, ainda é velado, ela dialoga intrinsecamente com histórico do corpo preto, mas também apresenta esse corpo preto, na realidade atual, nos levando de forma profunda, algumas das muitas pautas junto aos atravessamentos nos corpos negros, e essa complexibilidade que vai para além do campo artístico. Eu, ao percorrer a exposição, três obras ficaram mais na minha cabeça, e todas elas de mulheres; a primeira foi da Lídia Lisboa nascida em Paraná-1977, ela expõe em sua obra a ideia de corpo poético, que é também político, sensual e martirizado onde pensa sobre e na perspectiva de produções artísticas, feita por mulheres, realizam-se sensíveis operações de grande espessura poética, e que denunciam, por exemplo, as violências que historicamente contra elas são perpetradas.

A segunda foi Janaína Barros nascida em São Paulo, que fala da mulher levando nosso olhar, para uma questão mais da memória, das histórias e dos afetos, da mulher negra, lançando algumas discussões sobre o corpo específico da mulher negra, e as projeções e expectativas nele lançadas, sendo trabalhos de caráter marcadamente emotivos, que não descuidam das soluções formais apropriadas, e também a artista Rosana Paulino que se debruça na história pretérita, em seu trabalho, tem certa afronta ao racismo estrutural do Brasil, levando seu corpo também a discorrer sobre esse processo que é doloroso.



Produção preta: exposição Pretatitude (2020)

Se a arte afro-brasileira constitui hoje uma realidade incontornável, isto se deve ao trabalho e atitude persistente de toda uma coletividade de artistas, pesquisadores, curadores, instituições, museus, galerias e, claro, colecionadores⁶.

A ideia de lugar prevê uma comunicação, com o lugar físico e também das representações, que chega a percorrer muitos pontos, pois, dependendo do contexto, teoria ou questão empregada, a ideia de lugar começa a sofrer novos contornos, e na perspectiva de análise, chega a nos remeter a um entendimento de espaço. O corpo negro que podemos enxergar na arte contemporânea, e presente na Exposição, nos desloca para uma outra lógica, uma vez que a produção das obras ali inseridas é de corpos pretos; nessa perspectiva, então, propondo um novo e intrínseco diálogo de títulos, como os protagonistas principais, do próprio conceito, que é apresentado para o observador, passando por rotas de que suas afirmações transpassam a matéria indo parar em seus trabalhos artísticos; o corpo então passa a ser a própria experimentação, a matriz a qual abarca os atravessamentos, e falar das produções artísticas Afro-Brasileiras é entender que aqueles corpos, ganham uma dimensão mais complexas ao se tornar a própria matriz, senão a própria experimentação na arte contemporânea, pois o corpo sempre esteve presente dentro das artes, mas na arte contemporânea ele passa muito fortemente, a idealizar a ideia de lugar, passando a ser o tráfego entre um ponto e outro, sendo a própria significação e matriz.

PretaAtitude supera qualquer problema expográfico, na medida em que consegue com sucesso levar a cabo seu principal objetivo: marcar a profunda diversidade de caminhos que hoje em São Paulo apresenta a produção afrodescendente (a maioria dos artistas representados nasceu ou vive na cidade ou no estado). Se no conjunto das obras percebe-se a presença (difusa

⁶ Disponível em: <premiopipa.com/2018/02/pretatitudo-traca-panorama-da-arte-afro-brasileira-h> Acesso em: 20 Nov .2019 .



ou mais intensa, dependendo de cada artista) dos traumas da diáspora africana informando as respectivas subjetividades de seus autores, Claudinei Roberto também se esforça, e com sucesso, para apresentar obras de autores distantes dessas questões, demonstrando que o artista afrodescendente não precisa ser necessariamente identificado somente como aquele que, de maneira explícita, trata dos dramas do passado e do presente de seu povo⁷.

A exposição nos propõe antes de tudo uma interação e memória, uma espécie de resgate para aquilo que agora está exposto e de alguma forma vem sendo denunciado. Uma obra que me chamou muito a atenção foi a de Janaina Barros, onde ela traz a Psicanálise do cafuné, Sobre Remendo, Afetos e Território; ela nos leva a pensar sobre as construções afetivas que o corpo preto é ensinado, e como isso historicamente foi atribuído também muitas vezes de maneiras deturpadas, como, por exemplo, o corpo negro sempre visto como objeto de satisfação sexual, muitas vezes desvinculado da questão do sentimento; um exemplo que podemos dar é quando as mulheres pretas tinham que se subordinar, e de alguma forma servir ao homem branco. As obras de Janaina sempre permeiam esses lugares, e também o protagonismo do corpo da mulher.

chamam a atenção também as colagens e bordados de Janaina Barros, deslumbrantes pela delicadeza da fatura, mas, sobretudo, pela ironia fina das narrativas evocadas. Felizmente Janaina está longe de ter se tornado mais um êmulo de Leonilson. Se aqui ou ali, nota-se ainda alguma ressonância dos trabalhos daquele artista, impossível não considerar a singularidades de produção ao discutir gênero e raça⁸.

Considerar e discutir gênero e raça são realmente enriquecedores na

⁷CHIARELLI, Tadeu. Preta Atitude. Emergências, insurgências, afirmações: arte afro-brasileira contemporânea, 2019. Disponível em <<https://artebrasileiros.com.br/arte/pretaatitude-emergencias-insurgencias-afirmacoes-arte-afro-brasileira-contemporanea/>>. Acesso em 20 de Nov. 2019

⁸<<https://artebrasileiros.com.br/arte/pretaatitude-emergencias-insurgencias-afirmacoes-arte-afro-brasileira-contemporanea/>>. Acesso em 20 de Nov. 2019



contemporaneidade. Uma outra artista que também me chamou atenção na exposição foi Rosana Paulino que leva essas duas pautas para seu trabalho; a obra que me agradou mais foi uma que ela falava um pouco do entendimento desse corpo preto dentro das ciências, acredito que esteja dentro da série: Assentamento, onde ela traz para discussão imagens cujo traços discorre sobre a representação de um corpo sendo arduamente estudado, e, ao mesmo tempo, ela coloca outros traços de representação, nos levando traços que se assemelham a raízes, que por hora nos remete a natureza, ou a essência de existir de modo grandioso e estabelecido. Em uma entrevista ela diz:

Quero expor o “racismo científico”, teses de superioridade racial e pseudociências, como a craniometria, que animalizaram o corpo negro e tiraram sua dignidade, moldaram a sociedade brasileira. Elas levaram à ideia de trazer imigrantes europeus para embranquecer a população. É isso que justifica um corpo negro levar 80 tiros e sociedade não fazer absolutamente nada. Isso foi naturalizado⁹.

Sem dúvida, a exposição é um manifesto, e também mais que uma reafirmação de que a produção artística afrodescendente é o maior e mais sofisticado pulo do que entendemos no mundo da arte contemporânea, levando em consideração que ela percorre e atravessa todos os campos, e dialogando também com as dinâmicas instauradas pelo sistema de arte, de modo que sempre tende a ser uma conta que não fecha, nos fazendo questionar quais são elas, e tentando entender porque ela em si atravessa todos os corpos, se não mais o corpo preto.

Em uma exibição, o protagonismo deve ser de todas as obras exibidas e de cada obra em particular. Independente do partido adotado para reuni-las, do tema ou do assunto, ou mesmo da importância já assumida pelos autores das obras (ou pelo responsável pela exposição), o que vale são as condições dadas para que cada obra possa dar-se à exibição plena, sem entraves,

⁹2019. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/rosana-paulino-arte-negra-nao-e-moda-nao-e-onda-e-o-brasil/>> Acesso em 20 de Nov. 2019



sem impedimentos, para que o espectador possa estabelecer contato direto com cada obra em particular, sem que uma atrapalhe a outra pela excessiva proximidade.¹⁰

A arte contemporânea estabelece uma condição, a de tocar; ela não convida o público, mas aciona, puxa, e se deparar com ela é ser conduzido para o cotidiano atual das artes, mas que não anula os aspectos sociais, políticos e econômicos, sem perder o diálogo com o dispositivo da sensibilização humana. Todos os corpos pretos unidos nessa exposição se encontram em um único eixo, que é o de ter um olhar carinhoso e fiel para a produção afrodescendente, a fim de cortar o tráfego que sempre tende há ir, junto com a história da arte, que incisivamente se pretende ser hegemônica; o sistema de arte, muitas vezes exposto de forma escrachada e perversa, vem sendo quebrado por conta da diversidade, e causas emergenciais, que transcende muitas vezes o que demarca o universo da arte,

momento em que a história e as coisas se voltam para nós, e em que a Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo. Efectivamente, este é o grande acontecimento ou, melhor diríamos, a experiência fundamental da nossa época.¹¹

Mas os corpos pretos insistem em querer adentrar esse lugar de transitoriedade, esse lugar de ter certa extensão ou expansão de si, levando suas produções artísticas, e com isso essa arte contemporânea fica mais interessante, pois permeia a multiplicidade. Os corpos carregam em seus discursos a busca pela liberdade, liberdade dentro do tempo, que todos continuamente então imersos, e quando o corpo sofre os atravessamentos, ele passa a ser o nosso principal termo, ele estabelece uma condição, de ser um dispositivo de sensibilização do sofrimentos, que nos são impostos, e é nessa hora que o artista assume um decisão/posição, e a arte passa a ser colocada, no limite da consciência onde tudo é, por consequência, a busca pela busca, a arte contemporânea, concluir por hora, o tráfego quando o “nada” e “tudo”, nos é apresentado diretamente ou

¹⁰CHIARELLI, Tadeu. PretaAtitude. Emergências, insurgências, afirmações: arte afro-brasileira contemporânea, 2019. Disponível em <<https://artebrasileiros.com.br/arte/pretaatitude-emergencias-insurgencias-afirmacoes-arte-afro-brasile-ira-contemporanea/>>. Acesso em 20 de Nov. 2019

¹¹MBEMBE, Achille. Critica da Razão Negra, 2011, p. 9



indiretamente, e nos deixa a capacidade de pensar e a partir disso questionar. A produção artística afrodescendente contemporânea, tem a potência de ser o mais recém legitimado patrimônio da arte brasileira, para além do que é entendido pelos não pretos como arte.

Referências

- CHIARELLI, Tadeu. PretaAtitude. Emergências, insurgências, afirmações: arte afro-brasileira contemporânea, 2019. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/pretaatitude-emergencias-insurgencias-afirmacoes-arte-afro-brasileira-contemporanea/>>. Acesso em 20 de nov. 2019
- CULTURAL, Patrimônio. Rosana Paulino: ‘Arte negra não é moda, não é onda. É o Brasil, 2019. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/rosana-paulino-arte-negra-nao-e-moda-nao-e-onda-e-o-brasil/>> Acesso em 20 de nov. 2019
- PIPA. “PRETATITUDE” TRAÇA PANORAMA DA ARTE AFRO-BRASILEIRA Disponível em: <<http://www.premiopipa.com/2018/02/pretaatitude-traca-panorama-da-arte-afro-brasileira-hoje/>>. Acesso em: 20 nov. 2019
- MBEMBE, Achille. Critica da Razão Negra. 1Ed. Portugal: Antígona, 2014.